

Tarde de 9, Setembro, 92.

Meu adorado Cruz

Faz hoje um mez que me escreveste
uma carta a qual respondo. Teu
andado muito preoccupado da
vida nestes ultimos dias, pois vejo
que não arranjo nenhum emprego
nesta terra. Os homens para esgual
são recomendados, uns poucos
melhores, na apparencia, do que
os da opposição, são para mim
piores do que os hippopotomos
dos circos de Roma, no século III.
O Elysee, essa besta de ocultos, cada
vez está mais covarde, cada vez ^{mais} sem
energia, e mais um caracter, por-
tanto. Vivi numa embuscação pa-
ra comnigo como não imaginas.
E por isso, meu doce Amigo, já perdi
de todo a esperanza de arranjar um

qualquer emprego aqui nesta terra,
por mais baixo, por mais da t^{er}
queira que seja. Então a unica co-
za que tenho feito e propor-me para
fazer, em Dezembro, um pouco de
vinho. As minhas porricas acham-
se muito bem providas, tratando-as
em com o maior ^{maior} cuidado. Não espe-
ranto, mais ^{nada} desses homens, sem
delles quero saber não para metter-lhes
o vergalho na cora. Enquanto eu aqui
estiver, enquanto a minha casa con-
tinuar a ser a mesma, toda florida
de rosas, toda cheia de passeras, apro-
vitaré o tempo para escrever alguma
folha luminosa, que me agrade o spi-
rito. Na virgindade desta minha
casa cuja janella se abre hoje
para uma larga e soladia estrada,
ini passando talvez muito melhor do
que no calabouço de uma repartição
publica. Pelo menos, meu Amigo, a abra-

que da minha tia dá-me uma graça
feliz, enquanto que a barreira das que
me atecoriam, chamando-me de collega,
dava-me-hia uma louca vontade de uo-
rer. É verdade que passo dias sem um
único mal no bolso, mas em compen-
sação tenho a tranquillidade destes
caminhos, destas longuissimas praias,
destes longos campos que se estendem em
flora e aromática, sob um céu in-
finitamente azul. É de este sossego que
o meu coração volta-se ainda puro e
branco de amor, para aquelles a quem
adoro. Recorde-me seguidamente de ti,
imaginando o que não terás passado
aqui, nessa cidade indolente. Deve
ter sido o diabo a tua vida nestes últi-
mos tempos em que até a besta cega
do Cabral achou que não devia es-
crever mais no seu silec journal.
Oh! desgraça infundável! Nem um beu-
no tem sorte igual a nossa! Comtudo,

meu Cruz, ouio que mil seres shi. Como
ntou arrependido de fôra cá ter vindo
Aqui nem terás, é duro diserto, um
emprego de alcaide-litterato. Na terra
do Biquiti só o Biquiti. Agora, em caso
de grande embaraco, em caso que por
cas, por intrigas, os teus maiores
amigos dahi, pouca que se pode
dar, porque o estista nunca ~~pode~~
~~de~~ comprehendido, aqui tens e tens
ter, mas mente a minha casa. Moras
vós com nigo, embora passando mal,
mas sem lembrança de aqui or-
rangens um emprego por mais bai-
xo que seja. Terás como eu - não sei
se a cidade existe. Aqui estarei ao teu
dispor. Tenho abraçado o teu velho pai.
Nasceu-me mais um sobrinho, filho do
Moreiano, um pequeninho muito bonito.
Saudades minhas e de toda a nossa fa-
milia. A titia, essa, coitadão, muito do-
te manda. Como vai a Gavita? Dahe lembrança.
É isto que vos publico um livro? He mais de duas vezes
que não lio jornaes dahi. É uma miséria. O teu avelho
Lembranças ao Atolila, Ocul, Miranda, Inque, Azeite, Fôra
Camêllo, tubim, Lungurim &c.